

Santa Ursula em Colônia: uma santa inventada como intercessora por uma suave morte

Prof. Emérito Klaus Militzer
Universidade de Bochum
klaus.militzer@uni-koeln.de

Tradução:

Prof. Dr. Álvaro Alfredo Bragança Júnior
Universidade Federal do Rio de Janeiro
alvabrag@letras.ufrj.br

Revisão:

Prof. Dra. Cybele Crossetti de Almeida
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
cybele.crossetti@ufrgs.br

Recebido em: 15/11/2016

Aprovado em: 23/04/2017

Resumo:

É de conhecimento geral e indiscutível que santa Úrsula, juntamente com suas 11000 virgens seguidoras, não existiu. Por conseguinte, seu martírio também não ocorreu diante dos portões de Colônia. Apesar disso, santa Úrsula foi considerada mártir desde a Idade Média até mais além de nossa época atual, e que, por conseguinte, era especialmente procurada como intercessora diante de Deus. Isto evidencia-se também através das inúmeras irmandades e outras associações dedicadas a santa Úrsula, as quais, do mesmo modo, mantinham viva a memória dos mortos e, a título de exemplo, dissimulavam a morte através de mortaldas e de outras cerimônias. Tal fato levou nos tempos modernos a se considerar que santa Úrsula poderia fazer, de uma maneira suave, a transição da vida para a morte.

Palavras-chave: Sta. Ursula de Colônia, morte em martírio, intercessora pelos moribundos, confrarias dedicadas à Úrsula

Abstract

It is well known and undisputed that St Ursula and her accompanying 11000 virgins did not exist. As a consequence, their martyrdom at the gates of Cologne also did not take place. Nevertheless, St Ursula has been considered a martyr since the Middle Ages and therefore seems to be particularly estimated as an interceder before God. This is also confirmed by the numerous fraternities and other associations with St Ursula, which also often kept the memory of the deceased and conducted ceremonies to overshadow death. In modern times, this has led to the belief that St Ursula could make the transition from life to death gentler.

Keywords: St. Ursula of Cologne, martyrdom death, intercession for the dying, Ursula fraternities

É de conhecimento geral e indiscutível que santa Úrsula, juntamente com suas 11000 virgens seguidoras, não existiu. Por conseguinte, seu martírio também não ocorreu diante dos portões de Colônia. Não havia nenhum noivo de nome Aetherius no conjunto de sua entourage, muito menos um príncipe huno de nome Átila teria alguma vez atacado Colônia ou mandado executar Úrsula juntamente com suas 11.000 virgens ou seu noivo com seu séquito. Tudo o que era possível atribuía-se a Átila, já que era temido e tinha, em parte, coberto o mundo outrora conhecido com guerras, devastações e pilhagens¹. Na historiografia britânica do século XIII até mesmo um rei dos pictos foi considerado responsável, ao lado de Átila, pelo alegado massacre².

Mais tarde, após os trabalhos de Wilhelm Levison, sabemos que a lenda de Úrsula não se apóia em uma „verdade histórica“. Ela é uma invenção medieval, provavelmente de Colônia e de seus sacerdotes e eclesiásticos³. Os muitos ossos e esqueletos que foram encontrados decorrem então do fato da população romana original de Colônia enterrar seus mortos diante dos portões romanos da cidade desde os primórdios, poucos anos antes do início da era cristã, até meados do século V. O assim denominado *ager Ursulinus* foi de tal forma escavado, que hoje em dia nenhum arqueólogo pode mais encontrar sepulturas inalteradas⁴. O campo era originariamente nada mais do que um cemitério romano com esqueletos de homens e mulheres, mas também de crianças e bebês. Conforme o costume da época, os achados foram legitimados através de „visões“⁵ e com isso elevados ao patamar de „verdade histórica“.

O que interesse neste caso especial é o outro mundo da Idade Média, o qual podia imaginar apenas um massacre como explicação para a grande quantidade de ossos encontrados. O martírio de santa Úrsula, contudo, não permaneceu um acontecimento de Colônia, mas mexeu com o mundo conhecido de então. Quase em todas as cidades podem ser encontrados altares à Úrsula ou outras referências a santa Úrsula⁶. Isso é válido em especial para as áreas em que se pode também provar a presença de comerciantes de Colônia. Então, nesse caso interessa o assassinato cometido pelos hunos e por seu rei e o martírio daqueles que foram mortos pela sua fé. Trata-se, deste modo, especialmente das 11.000 virgens encabeçadas por santa Úrsula, as quais teriam sido abatidas por sua crença e, por conseguinte, deveriam ser consideradas mártires. A relação entre matar e ser mártir, na maioria das vezes a morte de pagãos e o martírio de fiéis, como também de pessoas que nunca existiram, interessa por isso neste contexto.

Como não se podia esperar de outro modo, irmandades formaram-se na igreja de santa Úrsula tanto para eclesiásticos quanto também em particular para leigos. Essas associações eram por isso procuradas, porque os leigos e provavelmente também os sacerdotes esperavam por uma intercessão junto a Deus, pois embora santa Úrsula tenha sido inventada, ela era tida, conforme o entendimento de então acerca dos santos, como uma mui procurada defensora diante de Deus devido a sua morte pretensamente em martírio. Não à toa, assim como a Rainha do Céu e mãe de Jesus, santa Úrsula escondia a intercessão daqueles que a buscavam por baixo de sua capa e lhes concedia proteção. Isto quer também dizer que santa Úrsula acompanharia um fiel em sua última viagem rumo à morte e estaria ao seu lado e lhe concederia proteção diante da justiça divina. Se a ideia desempenhava um papel em todas as irmandades não sabemos exatamente, já que nada pode ser encontrado a respeito nos estatutos.

A provavelmente mais antiga irmandade de santa Úrsula foi uma associação que se tornou conhecida como „irmandade aristocrática“⁷. Todavia, registros por escrito procedem somente da época „por volta de 1360“. Em todo o caso, muitos critérios

apontam para uma data de surgimento „por volta de 1360“⁸. Contudo, é correto falar-se de uma „irmandade aristocrática“? De 1360 até 1453 foram conservadas sete listas de membros. Todavia, deve-se levar em conta que o número de membros da irmandade estava limitado a 40 pessoas⁹. Na primeira lista oriunda dos anos „por volta de 1360“ estão registrados 35 "membros do patriciado" no sentido de Wolfgang Herborn¹⁰. Em contrapartida nesta época já são enumerados 5 membros, que não podem ser contados como "patrícios"¹¹. Já por volta de 1360 há não apenas membros pertencentes a linhagens, como associações de famílias, pertencentes à camada dirigente na política, mas também indivíduos que, na verdade, desfrutavam de um certo prestígio dentro da cidade, mas não pertenciam ao "patriciado, como Johann von Bensbur, Gerhard vom Crulle, Johann Stolle, Johann von Aachen ou outros. No ano de 1393, a proporção de membros de famílias oriundas do estrato de liderança política em relação a outras famílias de prestígio reduzira-se um pouco, especificamente de 75 para 25 %. Isso mudou, quando o domínio do patriciado foi abolido em 1396 em Colônia¹². No ano de 1417 a proporção diminuía pelo menos de 38 a para 46 %. Trinta anos mais tarde a proporção foi novamente reduzida, de 31 para 49%. A irmandade seguramente permaneceu aristocrática mesmo depois do século XV, mas ela nunca se limitou exclusivamente aos "patrícios", ou como ainda pretenda definir este grupo¹³.

A segunda mais antiga irmandade de santa Úrsula é a irmandade dos carpinteiros especializados em telhados, *Leyendecker* no original. Eram esses trabalhadores que compunham a maior parte da irmandade. Além disso havia apenas poucas mulheres, as quais até agora não puderam ser identificadas com precisão suficiente. Provavelmente elas eram esposas ou viúvas destes trabalhadores¹⁴. Os estatutos foram escritos por volta de 1400, portanto, após o fim da supremacia do patriciado, enquanto os nomes dos irmãos como também os das irmãs somente puderam fazer parte deles por volta de 1460. Não foram conservadas listagens anteriores.

Nos mais antigos estatutos da irmandade provenientes dos anos „por volta de 1400“ é evidente que todos os irmãos e irmãs teriam que participar, quatro vezes por ano, nomeadamente em cada domingo após as Têmporas, de uma missa que se destinava aos vivos e mortos da irmandade¹⁵. Nesses dias sem dúvida eram lidos os nomes dos irmãos e irmãs falecidos ou lembrados de outro modo¹⁶. Todavia, isso ainda não era tudo. Cada membro da irmandade estava comprometido com a vigília e com o cortejo fúnebre rumo à igreja, na qual ele seria enterrado¹⁷ e quem não cumprisse essa obrigação teria que pagar uma sanção pecuniária¹⁸. Isso era, na verdade, uma obrigação natural, a qual, porém, era reiteradamente instilada nos irmãos e irmãs da ordem¹⁹. A irmandade acentuou uma especificidade dentre a quantidade de associações atestadas em Colônia. Era a posse de uma mortalha (*balken*) para um irmão ou irmã falecidos. Ela podia ser estendida por sobre o caixão. O pano mortuário porém podia, a pedido, ser entregue a terceiros mediante uma taxa²⁰.

De resto, foi criada uma irmandade geral, que mais tarde deveria portar o nome de „Barquinho de santa Úrsula“. Sobre ela Paul Heusgen compilou alguns dados²¹. Fato é, porém, que ela pode ser comprovada somente em 1489, quando seus 20 cardeais concederam uma indulgência²². Ela devia, segundo uma tradição mais moderna, facilitar ou até mesmo ter facilitado a passagem da vida para a morte e recebeu por conseguinte o epíteto „Barquinho de santa Úrsula“. Os irmãos e irmãs rezavam, portanto, por uma misericordiosa e suave morte.

Evidentemente houve também uma irmandade sacerdotal de santa Úrsula. Ela não é possivelmente medieval, na medida em que os estatutos conservados permitem um testemunho. No ano de 1647 ela já deve ter deixado de existir²³. Paralelamente a esta irmandade sacerdotal provavelmente também existiu uma outra dos vigários de santa Úrsula²⁴. No entanto falta a parte correspondente no acervo do Arquivo Histórico da Arquidiocese de Colônia, de forma que não se pode fazer mais outras afirmações.

Finalmente uma „Venerável e Louvável Sociedade de S. Úrsula“ recebeu do papa no ano de 1611 uma indulgência e o reconhecimento de sua existência. Ela teria sido fundada alguns anos antes. Nela entravam apenas virgens e viúvas, que se dedicavam em especial às crianças e à sua educação. Ela foram também denominadas de „Devotas“ e possuíam a intercessão dos jesuítas. Elas estavam em concorrência com as Ursulinas, pelas quais foram finalmente absorvidas²⁵.

Pode-se dizer, em suma, que santa Úrsula era considerada mártir pelo menos desde a Idade Média até mais além de nossa época atual, e que além disso fora morta pelos pagãos e lutou pela sua fé, da mesma forma como suas virgens e seu noivo. Mártires, que foram assassinados por pagãos infiéis, eram tidos como mártires e testemunhas da fé e eram por conseguinte procurados especialmente como intercessores ou intercessoras diante de Deus. Isto evidencia-se também através das inúmeras confrarias e outras associações destinadas a santa Úrsula, as quais, do mesmo modo, mantinham viva a memória dos mortos e, a título de exemplo, dissimulavam a morte através de mortallas e de outras cerimônias. Tal fato levou nos tempos modernos a se considerar que santa Úrsula poderia realizar/contribuir, de uma maneira suave, a transição da vida para a morte.

Imagens



Figura 1: Mestre Rottweiler: O martírio de santa Úrsula, por volta de 1440, proveniente do antigo altar mor do mosteiro da Santa Cruz em Rottweil, hoje no Württembergisches Landesmuseum emn Stuttgart. In: <https://www.heiligenlexikon.de/Grundlagen/Gemeinfreiheit.html>, mas também: Joachim Schäfer - Ökumenisches Heiligenlexikon

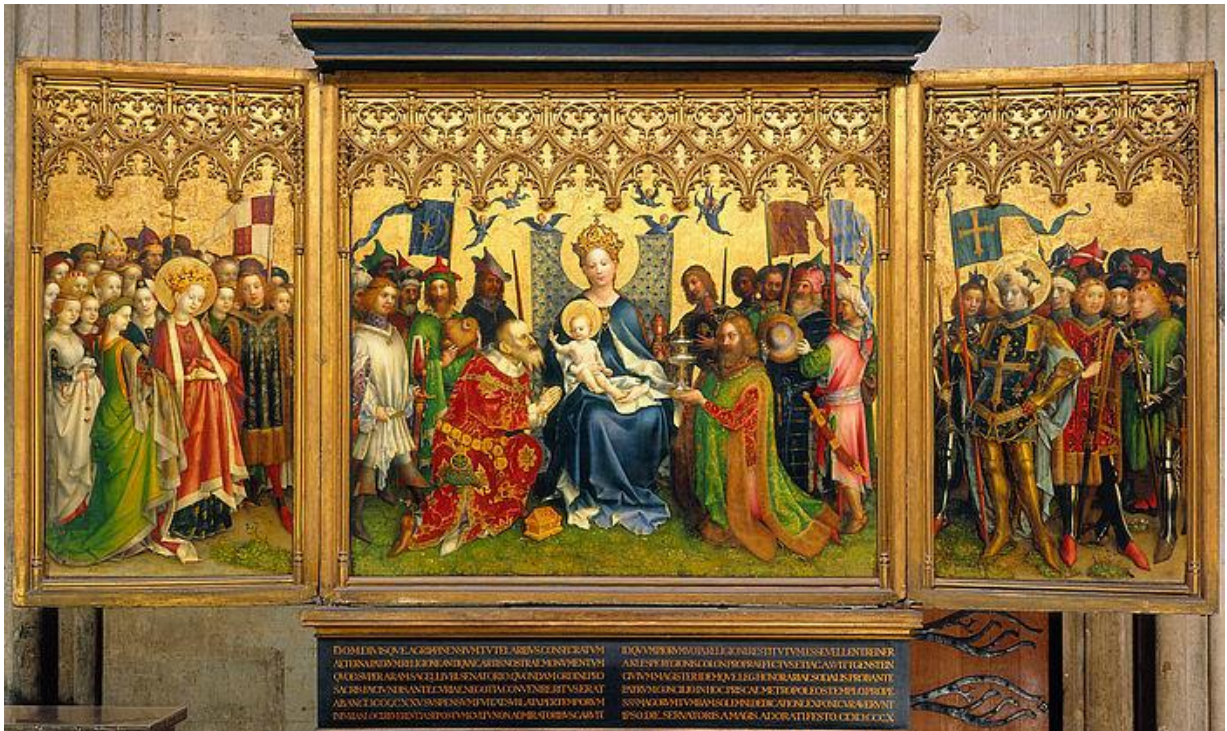


Figura 2: Altar na catedral de Colônia da padroeira da cidade, aberto, com santa Úrsula. In: <http://www.koelner-dom.de/index.php?id=17347>



Figura 3: Vista da igreja de St. Úrsula a partir do sudeste, em Colônia, in: [https://de.wikipedia.org/wiki/St._Ursula_\(K%C3%B6ln\)](https://de.wikipedia.org/wiki/St._Ursula_(K%C3%B6ln))

Fontes

Militzer, Klaus (Org.), Quellen zur Geschichte der Kölner Laienbruderschaften vom 12. Jahrhundert bis 1562/63), Vol. 2 (Publikationen des Gesellschaft für Rheinische Geschichtskunde 71), Düsseldorf, 1997.

Referências Bibliográficas

- Bryan, Elizabeth J., Ursula in the British History Tradition, in: Cartwright, Jane (Ed.), *The Cult of St Ursula and the 11,000 Virgins*, University of Wales Press, 2016, p. 119-142.
- Cartwright, Jane (Ed.): *The Cult of St Ursula and the 11,000 Virgins*, University of Wales Press, 2016.
- Herborn, Wolfgang, *Die politische Führungsschicht der Stadt Köln im Spätmittelalter (Rheinisches Archiv 100)*, Bonn, 1977.
- Heusgen, Paul, Ursulabruderschaften in Köln, in: *Jahrbuch des Kölnischen Geschichtsvereins* 20 (1938), p. 164-170.
- Levison, Wilhelm, Das Werden der Ursulallegende, in: *Bonner Jahrbücher* 132 (1927), p. 1-164.
- Militzer, Klaus, Ursachen und Folgen der innerstädtischen Auseinandersetzungen in Köln in der zweiten Hälfte des 14. Jahrhunderts (Veröffentlichungen des Kölnischen Geschichtsvereins 36), Köln, 1980.
- Montgomery, Scott B., What's in a Name? Navigating Nomenclature in the Cult of St Ursula and the Eleven Thousand Virgins, in: Cartwright, Jane (Ed.), *The Cult of St Ursula and the 11,000 Virgins*, University of Wales Press, 2016, p. 11-28.
- Schäfer, Karl Heinrich, *Inventare und Regesten aus den Kölner Pfarrarchiven, Vol. 2 (Annalen des Historischen Vereins für den Niederrhein 78)*, 1903.
- Schmitz, Winfried, Zum Ursprung der Ursulallegende: Die Inschrift des Clematius, in: *Quellen zur Geschichte der Stadt Köln, Vol. 1*, Köln, 1999, p. 53-58.
- Schnyder, André, *Die Ursulabruderschaften des Spätmittelalters (Sprache und Dichtung, NF 34)*, Bern und Stuttgart, 1986.
- Wegener, Gertrud, *Geschichte des Stiftes St. Ursula in Köln (Veröffentlichungen des Kölnischen Geschichtsvereins 31)*, Köln, 1971.
- Wimmer, Erich, Art. Ursula, hl., in: *Lexikon des Mittelalters, Vol. 8*, München 1997, col. 1332-1333.
- Wirth, Gerhard, Art. Attila, Herrscher des hunnischen Großreiches 434-453, in: *Lexikon des Mittelalters, Vol. 1*, München und Zürich, 1980, col. 1179-1180.
- Wüst, Wolfgang, Patrizier – Zum Selbstverständnis reichsstädtischer Oligarchien in Süddeutschland, in: *Zeitschrift für bayerische Landesgeschichte* 78 (2015), p. 127-144.

¹ Vide Gerhard Wirth in: *Lexikon des Mittelalters (künftig: LdM), Vol. 1*, München Zürich 1980. col. 1179s.

² Elizabeth J. Bryan, Ursula in the British History Tradition, in: *The Cult of St Ursula and the 11,000 Virgins*, ed. by Jane Cartwright, University of Wales Press 2016, p. 121.

³ Wilhelm Levison, Das Werden der Ursulallegende, in: *Bonner Jahrbücher* 132 (1927), p. 1-164.

-
- ⁴ Winfried Schmitz, Zum Ursprung der Ursulallegende: Die Inschrift des Clematius, in: Quellen zur Geschichte der Stadt Köln, Vol. 1, Köln 1999, p. 55.
- ⁵ Vide Scott B. Montgomery, What's in a Name? Navigating Nomenclature in the Cult of St Ursula and the Eleven Thousand Virgins, in: The Cult of St Ursula and the 11,000 Virgins, ed. by Jane Cartwright, University of Wales Press 2016, p. 17.
- ⁶ Vide o conjunto de textos in: The Cult of St Ursula and the 11,000 Virgins, ed. by Jane Cartwright, University of Wales Press 2016, passim; também Erich Wimmer in: LdM, Vol. 8, München 1997, esp. 1332 et seq..
- ⁷ Vide Paul Heusgen, Ursulabruderschaften in Köln, in: Jahrbuch des Kölnischen Geschichtsvereins 20 (1938), p. 164-170. Ele foi o primeiro a denominá-la „irmandade aristocrática“. Assim também Gertrud Wegener, Geschichte des Stiftes St. Ursula in Köln (Veröffentlichungen des Kölnischen Geschichtsvereins 31), Köln 1971, p. 132. Sobre os estatutos da irmandade aristocrática. Vide também André Schnyder, Die Ursulabruderschaften des Spätmittelalters (Sprache und Dichtung, NF 34), Bern und Stuttgart 1986, p. 499-502; MILITZER, Klaus (Org.), Quellen zur Geschichte der Kölner Laienbruderschaften vom 12. Jahrhundert bis 1562/63), Vol. 2 (Publikationen des Gesellschaft für Rheinische Geschichtskunde 71), Düsseldorf 1997, p. 1313-1338.
- ⁸ Quellen, Bd. 2 (como nota 7), p. 1313 et seq..
- ⁹ Quellen, Bd. 2 (como nota 7), p. 1317 (§ 13).
- ¹⁰ Wolfgang Herborn, Die politische Führungsschicht der Stadt Köln im Spätmittelalter (Rheinisches Archiv 100), Bonn 1977, p. 70 et seq., fala em concordância com as fontes mais de „linhagens“.
- ¹¹ Enumerados segundo a primeira lista de „cerca de 1360“ in: Quellen, Bd. 2 (como nota 7), p. 1319-1325. Estão registrados 40 irmãos. Para os anos seguintes cf. as listas em: Quellen, Bd. 2, (wie Anm. 7), p. 1325-1332.
- ¹² Cf. Herborn (como nota 10), p. 301 et seq.; Klaus Militzer, Ursachen und Folgen der innerstädtischen Auseinandersetzungen in Köln in der zweiten Hälfte des 14. Jahrhunderts (Veröffentlichungen des Kölnischen Geschichtsvereins 36), Köln 1980, p. 223 et seq..
- ¹³ Por último: Wolfgang Wüst, Patrizier – Zum Selbstverständnis reichsstädtischer Oligarchien in Süddeutschland, in: Zeitschrift für bayerische Landesgeschichte 78 (2015), p. 127-144.
- ¹⁴ Quellen, Vol. 2 (cf. nota 7), p. 1312.
- ¹⁵ Quellen, Vol. 2 (cf. nota 7), p. 1299 (§ 4).
- ¹⁶ Quellen, Vol. 1 (cf. nota 7), p. LXXX.
- ¹⁷ Quellen, Vol. 2 (cf. nota 7), p. 1293 et seq. (§§ 6-7).
- ¹⁸ Quellen, Vol. 2 (cf. nota 7), p. 1293 et seq. (§§ 6-7).
- ¹⁹ Quellen, Vol. 1 (wie Anm. 7), p. LXXIX et seq..
- ²⁰ Quellen, Vol. 2 (como nota Anm. 7), p. 1294 (§ 8); cf. Quellen, Vol. 1 (como nota Anm. 7), p. LXXX et seq..
- ²¹ Heusgen (como nota Anm. 7), p. 170-172.
- ²² Quellen, Vol. 2 (como nota 7), p. 1339 n.º 120.
- ²³ Cf. Heusgen (como nota 7), p. 173 et seq..
- ²⁴ Karl Heinrich Schäfer, Inventare und Regesten aus den Kölner Pfarrarchiven, Vol. 2 (Annalen des Historischen Vereins für den Niederrhein 78), 1903, p. 129. Esse autor menciona uma *Fraternitas vicariorum*.
- ²⁵ Heusgen (como nota 7), p. 172 et seq.